

## **“Eu nunca sonhei em ser professora”: narrativas de professoras da educação básica**

**“I never dreamed of becoming a teacher”: narratives of basic education teachers**

**“Nunca soñé con ser maestra”: narrativas de maestras de la educación básica**

Maria Clara Fernandes Fernandes Rarez<sup>1</sup>  
Karla Cunha Pádua<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado que investigou os processos pessoais, formativos e socioculturais que influenciaram a escolha da carreira docente por três professoras atuantes em diferentes segmentos e instituições educacionais. O estudo adota uma abordagem qualitativa e utiliza entrevistas narrativas, um formulário voltado para explorar aspectos socioculturais das participantes e a análise das redes sociais de duas delas. A triangulação desses métodos permitiu aprofundar a compreensão das motivações e experiências que moldaram suas trajetórias profissionais. Os resultados destacam como fatores pessoais, históricos e contextuais se entrelaçam na construção da identidade docente, revelando singularidades e padrões comuns que atravessam as escolhas das professoras. Por fim, discutimos as narrativas individuais das participantes, evidenciando os significados atribuídos por elas ao exercício da docência e suas implicações para a formação de professores.

**Palavras-chave:** Professoras; Carreira docente; Influências formadoras.

### **Abstract**

This article presents an excerpt from a master's degree research project that investigated the personal, formative, and sociocultural processes that influenced the choice of a teaching career by three teachers working in different segments and educational institutions. The study adopts a qualitative approach and uses narrative interviews, a questionnaire designed to explore the sociocultural aspects of the participants, and the analysis of the social networks of two of them. The triangulation of these methods allowed us to deepen our understanding of the motivations and experiences that shaped their professional trajectories. The results highlight how personal, historical, and contextual factors intertwine in the construction of teaching identity, revealing singularities and common patterns that permeate the teachers' choices. Finally, we discuss the individual narratives of the participants, highlighting the meanings they attributed to the exercise of teaching and its implications for teacher training.

**Keywords** - Female teachers; Teaching career; Formative influences.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Belo Horizonte/MG, Brasil.  
E-mail: [rarezmaria@gmail.com](mailto:rarezmaria@gmail.com) - Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8771-6148>

<sup>2</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Belo Horizonte/MG, Brasil.  
E-mail: [karla.padua@uemg.br](mailto:karla.padua@uemg.br) - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0421-9897>

## Resumen

Este artículo presenta un extracto de un proyecto de investigación de maestría que investigó los procesos personales, formativos y socioculturales que influyeron en la elección de la carrera docente por parte de tres docentes que trabajan en diferentes segmentos e instituciones educativas. El estudio adopta un enfoque cualitativo y utiliza entrevistas narrativas, un cuestionario diseñado para explorar los aspectos socioculturales de los participantes y el análisis de las redes sociales de dos de ellos. La triangulación de estos métodos nos permitió profundizar en la comprensión de las motivaciones y experiencias que moldearon sus trayectorias profesionales. Los resultados destacan cómo los factores personales, históricos y contextuales se entrelazan en la construcción de la identidad docente, revelando singularidades y patrones comunes que permean las elecciones de los docentes. Finalmente, discutimos las narrativas individuales de los participantes, destacando los significados que atribuyeron al ejercicio de la docencia y sus implicaciones para la formación docente.

**Palabras clave** - Maestras; Carrera docente; Influencias formativas.

## Introdução

Este artigo resulta do recorte de uma dissertação de mestrado, que buscou compreender o percurso pessoal e profissional de três professoras da educação básica de Minas Gerais, todas mulheres e autodeclaradas negras, que atuam na cidade de Belo Horizonte e na região metropolitana. Neste texto, apresentamos quem são essas docentes e a trajetória de cada uma delas, desde as memórias da infância à sua formação como professoras, em busca de compreender as condições e circunstâncias pessoais e profissionais que colaboraram para essas mulheres atuarem como docentes e como suas experiências socioculturais e formativas influenciaram o seu modo de atuar na educação básica

Para ouvir professoras que trabalham em diferentes instituições e segmentos de ensino, com trajetórias similares e distintas de atuação e de formação, utilizamos a abordagem qualitativa e biográfico-narrativa e como instrumento, as entrevistas narrativas. A perspectiva narrativa foi escolhida por ser uma forma de ouvir as pessoas em sua individualidade e condição, valorizando sua trajetória e contexto, ao invés “de tratá-las como objetos, cujo comportamento deve ser quantificado e estatisticamente modelado” (EUGENIO; TRINDADE, 2017, p. 119).

A interpretação biográfico-narrativa prioriza a qualidade da experiência dos indivíduos, por meio de um relato articulado em uma trama argumental, com sequência temporal e personagens, trazendo na investigação o detalhamento e análise de dados biográficos. A narração organiza e unifica tematicamente a experiência em um todo

inteligível, que é a trama, proporcionando uma estrutura à história narrada. Dessa forma, torna-se uma ferramenta para a aprendizagem da identidade profissional, possibilitando uma conversação interna e um saber sobre si mesmo. As narrativas deixam fluir sentimentos, inquietações, emoções, ilusões e perspectivas, que afetam a vida dos docentes e ajudam a compreender as estratégias que utilizam para analisar suas vidas e seus trabalhos e as respostas que dão ao mundo socialmente construído da escola. (BOLÍVAR, 2002; 2014)

A valorização da oralidade e das histórias de vida dos sujeitos teve seu início na poesia e na sensibilidade aristotélica, quando se buscava observar a relevância que o ato de contar histórias tem na constituição dos fenômenos sociais e humanos. A partir deste novo olhar e consciência sobre a história dos indivíduos, as entrevistas narrativas se consolidaram como um método de pesquisa qualitativo e investigativo bastante utilizado nas ciências sociais (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002).

Desse modo, compreendemos que a vivência humana é manifestada constantemente pela narrativa, através dos acontecimentos, experiências, diálogos e silêncios. A partir desse aspecto, podemos afirmar o papel das docentes como sujeitos e a relevância da construção narrativa na consciência de sua própria identidade cultural no contexto individual e global, como acentua Candau (2014). De acordo com a autora, podemos entender o quanto a socialização das histórias de vida das educadoras colabora para o processo de construção e reconstrução de suas identidades culturais. Esse processo traz para as entrevistadas uma rememoração de tempos, espaços, acontecimentos e outros elementos. Ao mesmo tempo, representa traços dos ancestrais, aspectos ou dimensões do passado que fornecem uma ponte com o presente (ANDRELLO, 2012).

As entrevistas narrativas têm como função produzir muito além de relatos, mas experiências, contextos, histórias e culturas vividas em certo tempo e território, que envolvem todos os indivíduos no processo da entrevista, ou seja, o sujeito que está narrando e também o/a entrevistador/a. Quando falamos de narrativas, estamos dizendo sobre contar histórias e memórias, assim como sair em viagem, sair a caminhar, construir e vivenciar relações que perpassam as nossas vidas (FORTES DE OLIVEIRA; MIORANDO, 2020). Para as autoras, narrar é mover-se de forma imaginária para outro espaço, que somos capazes de interpretar e reinterpretar de diversas formas e, principalmente, encontrar-se nele.

Dessa forma, a entrevista narrativa constitui um espaço necessário e importante para se desenvolver e registrar as memórias e histórias de vida das professoras, suas experiências e

saberes, que podem colaborar para sua atuação dentro da sala de aula. Tais questões impulsionaram a escolha por esse instrumento metodológico, trazendo riqueza de dados e experiências desses sujeitos socioculturais.

Por meio da narrativa, buscamos compreender como o contexto particular, econômico e social de cada uma das docentes entrevistadas contribui e interfere em sua prática docente, entendendo que sua atuação ultrapassa o espaço da sala de aula. Partimos do pressuposto que a heterogeneidade é uma das características que define as professoras como sujeitos socioculturais, como ressaltou Teixeira (1996, p. 185):

Sujeitos socioculturais são também seres concretos e plurais. São pessoas vivas e reais, existindo a partir de sua corporeidade e lugar social, a partir de sua condição de mulheres, homens, negros, brancos. Pertencem a diferentes raças e etnias. São crianças, jovens ou de mais idade; adeptos de variadas crenças e costumes. Têm desejos, projetos e atribuem variadas significações às suas experiências e ao mundo. Para entendê-los, é necessário considerar esses seus atributos, sejam eles adscritos ou adquiridos, pois tudo isto matiza sua existência e condição.

Considerando que o contexto que interfere no trabalho das professoras é tanto o macro quanto o micro, pensamos que a singularidade desses indivíduos influencia diretamente na sala de aula e em sua relação com os discentes. Teixeira (2007) ainda resalta que, no contexto macro, os educadores vivenciam outros problemas relacionados às circunstâncias de trabalho e que os afeta, tais como: a precariedade de condições salariais e de trabalho, falta de infraestrutura nos prédios escolares, entre outros. Além disso, o ofício docente é uma atividade que tem se tornado complexa ao longo dos anos, com baixa atratividade e menor prestígio, ao contrário do que se viveu durante anos com o magistério, profissão antes admirada e valorizada socialmente. Contudo, o exercício da docência passa pela via da formação pessoal e por experiências de vida das professoras, estabelecendo múltiplas relações com o trabalho docente e diferentes aprendizagens de ser/estar na profissão. É o que procuramos apontar neste artigo.

### **As mulheres professoras entrevistadas**

No intuito de aprofundar este estudo e dialogar com o instrumento das entrevistas narrativas, aplicamos um formulário de identificação de docentes, na plataforma *Google*

*Forms*, com perguntas relacionadas às temáticas de sua formação profissional; situação profissional e práticas culturais. Além disso, também foi feita a análise das redes sociais de duas dessas professoras, buscando observar a atuação delas na mídia, já que ambas enfatizam o seu trabalho como criadoras de conteúdo. A outra participante não tinha atuação nas mídias sociais.

As três professoras entrevistadas, Natália Alves, Celina Fonseca e Francisca Honorata<sup>3</sup>, tiveram sua formação de vida e acadêmica na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. A diversidade geracional, as dimensões socioculturais, as inúmeras particularidades da formação individual em diferentes contextos são elementos que compõem a trajetória única de cada uma delas, transformando suas narrativas em relatos de vida belíssimos e inspiradores.

Natália Alves é pedagoga, professora concursada pela Prefeitura de Belo Horizonte e tem atuado na Regional de Venda Nova, no Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais do município, trabalho que tem como objetivo oferecer uma vez ao mês encontros de formação, dentro do espaço escolar e da carga horária, com objetivo de proporcionar estudos e diálogos sobre práticas formativas relacionadas às Relações Étnico Raciais.

Além disso, a docente Natália é assessora pedagógica das Relações Étnico Raciais e Inclusão, mãe, escritora, palestrante e criadora de conteúdo para as redes sociais. Tem 40 anos e vem construindo uma trajetória significativa para si, para os estudantes em seu trabalho docente e no seu ambiente de trabalho.

A trajetória profissional desta mulher se inicia antes de se tornar docente, de compreender que realmente queria se construir como professora e desenvolver projetos na área da educação. Na finalização do seu curso de graduação, Natália Alves prestou concurso para trabalhar no setor administrativo da Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais – COHAB, mas não tinha interesse em continuar neste campo, já que estava se formando como pedagoga e pesquisadora.

Graduou-se em Pedagogia em 2009, mesma época em que prestou concurso para atuar como professora do 1º e 2º Ciclos da Rede Municipal da Prefeitura de Belo Horizonte, espaço em que tem trabalhado desde 2010. Com uma trajetória na área da pesquisa, recentemente publicou seu primeiro livro sobre relações étnico-raciais na educação infantil, fruto de sua

---

<sup>3</sup> Nomes fictícios sugeridos pelas próprias docentes entrevistadas.

investigação no Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica (LASEB) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Desde o início de seu ofício como docente, Natália Alves desenvolve projetos e práticas escolares sobre as relações étnico raciais, buscando valorizar na sala de aula e na instituição educacional a potencialidade de dialogar com as crianças e destacar seu protagonismo no processo de ensino-aprendizagem. A professora utiliza o Instagram como principal rede social, espaço em que expõe relatos da docência, experiências e sentimentos que as crianças carregam sobre o racismo e sua construção de mundo. Além disso, suas 226 publicações no feed compartilham sobre sua vida privada, ambientes que frequenta, relações familiares, amizade e divulgação de seus trabalhos como escritora, docente e palestrante.

Para complementar o perfil sociocultural da professora Natália Alves, vamos utilizar alguns dados trazidos por ela no formulário. Ela nasceu no ano de 1983 e se autodeclara como mulher negra. Além de ser professora e escritora, ela é mãe de uma criança de 3 anos e nos demonstra como tem dupla jornada de trabalho. A docente inicia sua jornada acadêmica na graduação com o curso de pedagogia. Ela destaca que escolheu esse curso por falta de opção, já que seu desejo era cursar psicologia. No entanto, seus estudos e pesquisas se alavancaram durante o ensino superior, com participação em projetos de extensão e pesquisa. Após sua formação, continuou seus estudos na pós-graduação *latu sensu*.

No formulário, Natália nos traz também informações relevantes sobre os seus pais. Ambos são aposentados e têm como grau de instrução o ensino fundamental incompleto. Atualmente, é docente concursada, trabalhando em duas escolas públicas e lecionando no segundo ano do ensino fundamental I, sendo responsável pelas disciplinas de: língua portuguesa, matemática, artes e literatura. Também desenvolve seu trabalho de formação sobre o ensino das relações étnico-raciais e práticas para se promover uma educação antirracista.

Natália nos traz como práticas culturais os hábitos frequentes de leitura que tem, destacando livros teóricos como os principais. Afirma que sua principal atividade de lazer é passear em parques públicos da cidade onde reside. As redes sociais, como o Instagram, também se configuram como espaço de lazer e trabalho, já que expõem experiências da vida docente e de outros trabalhos, como divulgação de suas palestras, livro, além de ser a mídia na qual compartilha momentos com os amigos e familiares.

Nossa outra professora entrevistada é Celina Fonseca, de 26 anos de idade. Nascida no ano de 1997 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, é escritora, licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, professora do Ensino Fundamental II (8º e 9º ano) da rede privada de BH, palestrante, revisora e criadora de conteúdo para as redes sociais. Vem de uma família de classe popular, pais professores e com uma estrutura familiar respaldada na leitura, no diálogo e no afeto. A docente tem buscado ressignificar o espaço da sala de aula e o papel dos estudantes, tornando-os protagonistas do processo de aprendizagem.

A docente e escritora é solteira, mora com os seus pais, seu pai é formado em Letras e sua mãe é Pedagoga. Seu pai atuou pouco tempo na sala de aula, não conseguiu se identificar com a profissão, optando pelo ofício de taxista. Ao contrário de sua mãe, que sempre foi apaixonada pela área que escolheu, mantendo seus estudos e sendo pós-graduada. Sua mãe desempenha dois cargos dentro da instituição escolar, como professora e secretária e, quando teve tempo de contribuição e idade, escolheu se aposentar no cargo de secretária, por gostar muito do espaço da sala de aula. Dessa forma, continua atuando como professora da educação básica.

Celina começou a escrita e o envolvimento com a literatura aos 11 anos de idade e, desde então, já publicou vários livros, começando em 2010, depois em 2014 e aumentando a sua produtividade em 2021, 2022 e 2023. Além destes livros, também teve seus escritos publicados em outras coletâneas.

Em 2023, período em que nos concedeu a entrevista, seu Instagram tinha 1.285 publicações, sendo elas pequenos vídeos sobre suas práticas em sala de aula, relação com os estudantes, entrevistas, viagens, palestras, prêmios, lançamento de livros e alguns conteúdos sobre sua vida privada, como fotos em museus, com seus familiares e amigos/as.

A fim de complementar o perfil da professora Celina Fonseca, lançamos mão de suas respostas ao formulário. Autodeclarada uma mulher jovem e negra, Celina coloca em destaque o fato de morar com os pais e de isso colaborar para que possa se dedicar aos estudos e à formação. Além disso, a docente possui apenas quatro turmas, o que permite conseguir se dedicar também ao trabalho como escritora e palestrante e assim ter outra fonte de renda.

Acerca do seu hábito de leitura, Celina Fonseca identifica os dois últimos livros que leu no gênero romance, que diz colaborar para sua escrita literária e a profissão docente. Esta prática se classifica para ela como principal atividade de lazer, como também a internet, mas



ambas também se destacam como parte de seu trabalho. A leitura de jornais não costuma ser rotineira, mas acompanha e destaca em suas mídias sociais os acontecimentos de cunho político e educacional, o que contribui com seu conhecimento histórico e de militância para proporcionar debates e construção de pensamentos.

As mídias aparecem em destaque no formulário de Celina, sendo que as utiliza na sua vida pessoal, como viagens e hobby, e também profissional. As plataformas de *streaming* se destacaram como veículo de comunicação principal para assistir a filmes, séries e documentários, fazendo parte de seu cotidiano. Celina também destaca que assiste televisão com frequência, principalmente canais abertos.

Na vida profissional, Celina utiliza com espontaneidade as redes sociais, como o Instagram, onde promove uma relação de diálogo e aproximação com os seus estudantes. A professora também acessa outras redes sociais como o TikTok, o Twitter e o WhatsApp. Nessas redes, são postadas fotos, nelas há divulgação de eventos e pequenos vídeos, conhecidos no Instagram como *reels*, sobre seu trabalho em sala de aula como professora e escritora.

A terceira entrevistada<sup>4</sup> desta pesquisa tem sua trajetória marcada como docente da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e atualmente trabalha em um Instituto Federal na região Nordeste. Francisca Honorata tem 45 anos de idade, é pedagoga, pesquisadora, compõe o Coletivo do Ações Afirmativas na UFMG da Faculdade de Educação (FaE) e também desenvolve práticas que promovem uma educação antirracista.

Formada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, durante o período de sua formação, a docente escolheu como primeira habilitação do curso a área da coordenação e depois sua segunda habilitação foi na EJA. Concluiu sua graduação em 2001 e trabalhava como pedagoga na Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. No ano de 2009, surgiu a oportunidade de fazer um concurso na prefeitura de Belo Horizonte, mas não atuava ainda em sala de aula. Posteriormente, saiu um concurso para Contagem onde, após sua aprovação, foi nomeada como docente da EJA. A partir daí, começou a construir sua trajetória realmente como professora da Educação Básica, na qual atuou durante 10 anos, até a sua aprovação no Instituto Federal.

---

<sup>4</sup> Francisca Honorata não preencheu o formulário, portanto, utilizamos os dados da própria entrevista narrativa e consultas ao seu Currículo *Lattes*.



No ano de 2017 foi aprovada no concurso do Instituto Federal para trabalhar na graduação nos cursos de licenciatura em Matemática e Química sobre a prática de ensino dessas disciplinas. Neste mesmo período, foi aprovada no doutorado na UFMG, assumindo uma grande responsabilidade e compromisso com sua carreira profissional.

**“Eu nunca sonhei em ser professora. Nunca. Não estava nos meus planos.”**

“Eu fiz pedagogia por um acaso assim. Foi uma escolha, mas não foi uma escolha que eu queria. Mas depois foi o que eu gostei de fato...”. Falas como essas são recorrentes nas narrativas das três docentes que colaboraram para essa pesquisa.

A motivação que leva à escolha de uma profissão pode ser originária de vários aspectos, como: mercado de trabalho, paixão ou identificação com a área, escolha por ideologia, facilidade em disciplinas da área, *status* da profissão, influência de terceiros como pais e professores, ou até mesmo falta de opção (RIBEIRO *et al.*, 2018).

As narrativas das professoras Natália Alves, Celina Fonseca e Francisca Honorata demonstram aspectos e dimensões socioculturais importantes para se compreender como se concebeu a escolha da profissão, formação como docente e prática em sala de aula. Nas entrevistas narrativas são trazidas perspectivas comuns e singulares sobre a trajetória pessoal, familiar e profissional de cada uma delas, observando-se como as influências e referências recebidas durante o período da infância e juventude acabam se destacando durante essa tomada de decisão. Alguns desses elementos sociais, culturais e de construção sobre si foram observados de forma mais densa na entrevista e foram destacados no formulário de identificação das docentes, instrumento que colaborou como uma complementação de seus relatos.

Francisca Honorata, uma de nossas entrevistadas, relata que sua mãe foi professora. Então, desde muito nova, nunca pensou em seguir a carreira docente. Já estavam em seu imaginário todos os desafios da profissão e a pressão que teve na infância por sua mãe ser professora.

Eu tentava fugir porque minha mãe é professora, né? Minha mãe já é aposentada. Minha mãe foi professora do ensino primário e eu não queria ser professora por conta disso, né? Talvez por ter sido filha dela e talvez por não entender ainda o que era o magistério assim, eu achava chato e durante

muito tempo... eu estudava na mesma escola que ela trabalhava, então eu era filha da professora. E aí é uma certa cobrança da gente em relação a isso. Então tentei escapar, mas no fim das contas, depois que eu entrei no curso. (Francisca Honorata).

Na época de prestar o vestibular, Francisca trabalhava como contabilista e queria seguir carreira, mas infelizmente não passou na prova aberta, fez então um teste vocacional que apontou seu interesse nas áreas da docência, psicologia e serviço social. Dentre essas três, se interessava mesmo pela Psicologia, mas viu que não tinha interesse pela área de saúde, “muito menos para dissecação de cadáveres, essas coisas assim, então eu vi que eu teria que ter um ano disso. Então descartei de imediato”. O curso de Serviço Social não tinha na UFMG, então não havia a possibilidade de tentar, porque era na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e teria que pagar o curso de forma integral. A partir desse contexto, acabou iniciando o curso de Pedagogia pelo qual tomou apreço e nele ampliou sua visão sobre a área, compreendendo que poderia atuar em outros espaços além da sala de aula.

Celina Fonseca, a nossa outra docente entrevistada, já possui uma trajetória como escritora desde os 11 anos de idade, escrevendo livros para o público adolescente e adulto. Ainda como estudante, já dava palestras em escolas, contando um pouco sobre seus livros e histórias. Nessa época, nossa entrevistada não queria ser professora, já que tinha seus pais como principal referência da profissão e ambos com visões e experiências distintas da área.

Os pais não interferiam na decisão da filha. Muito pelo contrário, deixaram a seu critério a escolha da profissão; porém sempre demonstrando o valor da docência e os desafios que enfrentaria. Este contexto familiar não é uma realidade para todos, como nos relata nossa outra docente, Natália Alves. A professora nos conta que seus pais reconhecem o valor da profissão docente, mas demonstraram certa indignação pela escolha da filha em se tornar professora, devido à falta de *status* e valorização. Este fenômeno acontece devido à desvalorização social e salarial que a profissão tem, além das problemáticas que se enfrentam no contexto escolar, social e político. Isso nos remete a Paulo Freire, com sua crítica sobre o *status* social da profissão docente e o modo como a sociedade se comporta perante a escolha da profissão:

Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.9, n.1, e-1094, 2025.

que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. (Freire, 1996, p. 35).

Durante a infância, Celina falou que seria professora, mas com o passar dos anos foi mudando e pensou em outras profissões: “falei bibliotecária, entrava em contato, falei que eu ia ser psicóloga, falei que ia ser psiquiatra, falei, falei um monte de coisa”. E acabou entrando no curso de Ciências Sociais na UFMG, dizendo que seria professora universitária ou acadêmica, como a própria entrevistada diz. Celina acabou desistindo do curso, porque era muito nova, tinha acabado de sair do Ensino Médio e se “assustou” com o modo como a Universidade se desenvolvia, com a gama de opções de estudos e oportunidades. A partir daí, começou a refletir sobre o que realmente lhe interessava, proporcionava prazer, o ambiente e o público diante dos quais se sentia à vontade. Chegou à conclusão de que gostava muito do espaço escolar, que era esse o local com que tinha afinidade, a sala de aula. O ambiente onde estava seu público leitor.

Sua carreira e trabalho iniciam com a escrita. Então, desde muito nova, estava presente no ambiente escolar como palestrante. Relata que já foi a mais de 200 escolas conversar com os estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Sendo assim, a partir de sua vivência pessoal e inicial como escritora, conseguiu observar que seu ambiente era a escola, “o meu ambiente era isso, era menino, era adolescente”. O relato dessa docente nos demonstra e reafirma que, para um professor influenciar a formação de um estudante, é fundamental considerar os conhecimentos profissionais que ele construiu ao longo de sua formação acadêmica, bem como no decorrer de sua vida, por meio de experiências singulares, individuais ou grupais, contingentes, segundo Larrosa (2015). Assim, compreendemos que um dos aspectos fundamentais que trazem um diferencial na carreira profissional de Celina é o vínculo que ela construiu com a escrita e com a profissão docente desde sua infância.

A partir disso, iniciou, então, sua licenciatura em História na mesma instituição em que começou o curso de Ciências Sociais. Durante a narrativa, ela diz que achou que não iria gostar dos primeiros períodos do curso, “que era uma história mais antiga e tal”, mas se apaixonou pelo curso e pela docência desde o início. O medo da professora que iria se tornar e de não construir uma boa relação com seus estudantes permeava seus pensamentos antes mesmo de desejar trabalhar como docente e estar em sala de aula. Ciente dos desafios e

problemáticas vivenciadas dentro do espaço escolar, Celina Fonseca possui conto publicado onde aborda a trajetória de uma professora de História que não se dava muito bem com seus alunos(as). Ela tinha dificuldade de se conectar com os estudantes e construir uma boa relação com eles, esse emaranhado de sentimentos era um pouco do que a autora sentia.

A autora assina suas publicações utilizando um pseudônimo quando escreve para o público adulto e outro quando narra para o infantil. Essa abordagem “é somente para diferenciar o que vai pra escola, o que não vai, o público”. Conta que a primeira vez que entrou em sala de aula como professora foi quando atuou como professora substitua em uma escola pública de Ibité, logo após se formar. Celina nos conta que essa foi sua única experiência em uma escola pública, quando começaram a flexibilizar a abertura do comércio e das escolas durante a pandemia, com o funcionamento das salas como “bolhas”, que eram frações da turma que se alternavam para irem à escola.

No período de três meses, a docente “*tampava buracos*” de qualquer professor/a que se ausentava naquela escola. Ela nos disse que “faltou professor de geografia, eu entrava, falta professor de inglês eu entrava e aí eu fui criando”, construindo uma relação com os estudantes de diferentes turmas. Neste período, teve uma professora de português que faltou durante um mês inteiro, foi dito que ela desistiu do cargo, indo para os Estados Unidos. Celina então ficou responsável por essa turma na maior parte do tempo em que estava na escola, colaborando para ela construir uma relação de afeto e carinho com as crianças do sexto ano: “aí eu fui percebendo assim, que eu decidia fazer aulas do que eu quisesse, desde que eu mantivesse os meninos dentro de sala de aula, tava ótimo”.

Vemos nessas falas um reflexo de algumas das incertezas, das instabilidades e da ausência de um direcionamento que a área da educação tem enfrentado, como ressaltou Novóia (2009). Apesar de ser destacada nos discursos de mudanças, a Educação ainda não tem conseguido realizar grandes transformações no dia a dia da sala de aula. Vimos que, na pandemia, os educadores se viram diante da necessidade de readequar as suas práticas relativas ao uso da tecnologia, área que vem influenciando tanto a vida e o cotidiano dos estudantes. Contudo, Nóvoa (2009, p. 205) resalta a necessidade de construir propostas educativas novas “que nos façam sair deste círculo vicioso e nos ajudem a definir o futuro da formação de professores”.

A docente Celina Fonseca nos conta que desempenhava atividades e conteúdos com os estudantes de acordo com a necessidade deles: “então os meninos não estão sabendo muito

sobre números romanos. Aí eu vou fazer aula sobre isso. Aí eu planejava umas brincadeiras e eu ia trocando muito carinho com os meninos”. Diz que o seu relacionamento com os estudantes na sala de aula acontece a partir do incentivo dos jogos e brincadeiras, para que eles compreendam que por meio do aprendizado significativo e conhecimento do conteúdo conseguem participar das aulas e das dinâmicas de forma relevante. Desse modo, pensa que a aula se tornava estimulante para os alunos/as e também para a docente: “Quando eles fazem parte da aula, eles vão criando um laço e eles vão querer. Então eles ficavam doidos pra eu ir substituir os professores/as deles”.

Essas reflexões trazidas pela docente Celina nos remetem à Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Nº 9.394/1996), que define como competências do trabalho docente: a elaboração de planejamentos de aulas, o compromisso com o efetivo aprendizado dos estudantes, o desenvolvimento de métodos de ensino que atendam às necessidades específicas dos estudantes, entre outras, habilidades que a professora parece manejar muito bem. Celina Fonseca procura por meio de um jeito muito próprio e comunicativo incentivar seus/suas estudantes a se apropriarem dos conhecimentos, a pensarem criticamente, a trabalharem em equipe, contribuindo assim para o enfrentamento de desafios do mundo do trabalho e da sociedade contemporânea.

O jeito que esta professora diz desenvolver suas aulas indica uma perspectiva integral de formar os estudantes, abrangendo aspectos sociais, afetivos e psicológicos. Para isso, ela procura valorizar sua experiência, cultura e conhecimento diversificado, a fim de colaborar com a formação crítica e autônoma dos/as estudantes/as e preparando-os/as para os desafios de uma sociedade em constante transformação. Trabalhar numa proposta assim exige dos/as professores/as tempo e dedicação para seus estudos, pesquisas e preparação das aulas. Exige também esforço de compreender o contexto social e econômico no qual a escola, os/as estudantes, as famílias e a comunidade estão inseridos/as. Tal compreensão é fundamental para o desenvolvimento de atividades, projetos e ações que atendam de forma eficaz às necessidades individuais e de aprendizagem de cada estudante.

Natália Alves também tem investido em suas redes sociais, no intuito de divulgar o seu trabalho como docente e ampliar o seu diálogo sobre a educação antirracista. Silva (2011, p. 31) defende que a utilização das ferramentas tecnológicas na educação, especialmente as redes sociais, detém diferentes finalidades, tais como “divulgar e compartilhar experiências, promover maior interação entre alunos e professores, ampliar a disseminação de informações,

facilitar as interações entre leitores e escritores, além de oferecer inúmeras possibilidades associadas às demandas de aprendizagem dos educandos”. Essas dimensões demonstram a importância de se desenvolverem práticas que promovam o diálogo entre a educação e a tecnologia, ao invés da proibição, já que a utilização de instrumentos tecnológicos se tem tornado uma realidade em sala de aula.

A rede social é uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres entre si, em forma de rede ou comunidade. Ela pode ser responsável pelo compartilhamento de ideias, informações e interesses. (LORENZO, 2013, p. 20).

Diante de todas essas mudanças sociais e demandas da contemporaneidade, Libâneo (1998) defende a formação constante dos docentes para dar conta de cumprir bem o seu papel na formação das novas gerações. Segundo ele,

novas exigências educacionais pedem às universidades e cursos de formação para o magistério um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação.

O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias (LIBÂNEO, 1998, p. 10).

Natália Alves, professora do Ensino Fundamental I da rede pública de ensino de Belo Horizonte, desde 2010, busca desenvolver em sua prática escolar atividades, projetos que proponham uma educação antirracista e de escuta das crianças. No intuito de promover e ampliar estes estudos na educação, desde 2015 pertence ao Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais de Belo Horizonte, espaço responsável por reunir, uma vez ao mês, docentes da Rede comprometidos com o aprendizado de elementos e práticas para se concretizar este tipo de educação. A docente relata a potência do núcleo e como os profissionais se fortalecem nessa luta:

Eu acho que encontrar outras professoras que também acreditam nessa, nessa educação antirracista, fez muita diferença também, porque eu acho que se eu continuasse sozinha, não sei por quanto tempo eu ia dar conta, sabe? Por isso que a gente sempre fala do núcleo de estudos, fazer disso o núcleo é como se

fosse o nosso quilombo. É um lugar ali de refúgio, que a escola tá pegando fogo. A gente às vezes tá desanimado, não quer seguir com o projeto, não quer seguir com a atividade. Mas a gente vai para uma reunião, desabafo, ver elementos da prática de outras pessoas que estão conseguindo fazer outras coisas, né? Se alimenta da teoria também, né? De discussões mais reflexivas. E você volta para a escola com novo olhar, um novo fôlego, sabe? Então, eu acho que ter uma rede, no caso de Belo Horizonte, que a gente tem essa possibilidade de se reunir uma vez por mês para discutir especificamente essa e essa prática antirracista, que é o meu, meu foco de formação e de sala de aula, né? (Natália Alves).

A partir dos dizeres de Natália, destacamos a importância de se instituírem espaços de estudo e formação para os docentes, para que eles tenham a oportunidade de aprender com a experiência e o conhecimento uns dos outros, principalmente durante sua jornada de trabalho. hooks (2017, p. 52) enfatiza que “é preciso instituir locais de formação onde os professores tenham a oportunidade de expressar seus temores e ao mesmo tempo aprender a criar estratégias para abordar a sala de aula e o currículo multiculturais”.

Na narrativa das docentes, observamos que, apesar de não terem tido o desejo pela docência de forma imediata, a escolha da profissão acabou atravessando suas vidas como sujeitos, tornando-as comprometidas como a educação de qualidade, crítica e motivadora para si e para os/as estudantes.

Então, quando eu cheguei na escola que eu vi na sala de aula assim, as possibilidades mesmo de você dialogar com a criança, de não fazer um ensino significativo do protagonismo do professor, mas da criança também, sabe, isso me encantou. Aí eu já mudei totalmente meu olhar. Falei não, não quero. Não vou seguir carreira acadêmica, não vou. Meu lugar é aqui na sala de aula. Vou aprender a trabalhar aqui. Quero conhecer esse espaço. Como descobrir como alcançar as crianças de uma maneira mais significativa. Sabe, eu comecei. (Natália Alves).

Mesmo não apontando para a universidade como um lugar para refletir e aprimorar a prática docente, esta fala de Natália expressa a sua convicção de permanecer na docência, pois, sabemos que, muitas vezes, a formação no mestrado e no doutorado acaba por levar os/as professores/as para fora da sala de aula.

### **Considerações finais**

Analisar os aspectos pelos quais essas mulheres escolhem a profissão docente e se era realmente uma escolha foram elementos centrais para identificar as singularidades e



semelhanças de sua formação acadêmica e como isso favoreceu sua relação com a prática de ensino. Nossa pretensão foi caracterizar o perfil sociocultural, especificamente de três professoras de diferentes segmentos educacionais, considerando as influências socioculturais presentes em seus percursos de vida e sua prática em sala de aula.

Buscamos explicitar o contexto no qual surgiu a investigação sobre essa temática e o que nosso estudo propunha, averiguando a relevância individual e para a educação em se conhecerem as trajetórias e a formação dessas mulheres. A valorização dessas memórias e experiências demonstram os sentidos que as docentes construíram como profissionais e os motivos pelos quais acreditam na transformação do mundo e do sujeito, por meio da educação.

As pesquisas de Tardif (2011; 2012) e Teixeira (1996) colaboraram com a nossa investigação ao abordarem a relação dos saberes docentes com a formação profissional e a prática docente. Tardif (2011, p. 54) busca compreender como os docentes refletem sobre os seus saberes, concebidos como um “saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, o saber docente é, portanto, essencialmente heterogêneo”. De formas ambíguas, mas complementares, os autores enfatizam a importância de se valorizar a pluralidade do docente e sua experiência como profissional, mas também como indivíduo. Pensamento este que colabora para a sociedade compreender a profissão docente a partir de uma construção de si.

As docentes Celina Fonseca, Natália Alves e Francisca Honorata refletem sobre como a construção de sua trajetória acadêmica, o percurso profissional e seu comprometimento com a educação colaboram no modo como atuam enquanto cidadãs e profissionais, relatando aspectos e acontecimentos que as fizeram optar pela carreira docente e as influências familiares e docentes que tiveram ao longo de sua formação. Também abordamos a importância dessas práticas para a docência e para o contexto individual dos/as alunos/as, dialogando com referenciais teóricos, destacando os aspectos semelhantes que as docentes trazem em suas trajetórias, como a escolha da profissão que em sua maioria acontece por contingência, a formação acadêmica e os caminhos traçados neste ambiente – tudo isso visto como elemento colaborativo para se entender o profissional que alguém se torna e o modo como a vida particular e a formação familiar são aspectos que interferem na formação do sujeito. Ademais, observamos que o contexto da docente, a sua trajetória e estrutura familiar também são elementos fundamentais para se compreender a sua prática escolar.

Vimos que dificuldades e percalços são dimensões que se destacam nas narrativas de todas as participantes, servindo de aprendizados que colaboram na reflexão sobre suas práticas de ensino, impulsionando novas buscas e possibilidades. As singularidades da profissão se apresentam nos modos distintos de cada docente abordar a didática na sala de aula, contudo, destacam-se também dimensões comuns, como trabalharem temas como as relações étnico raciais, interagirem nas redes sociais e dialogarem com a literatura. São professoras de um novo tempo, a contemporaneidade, por isso trazem traços comuns, alguns deles ligados as aprendizagens da formação inicial, porém, enriquecidos com outras influências sociais, culturais e históricas, que refletem experiências, trajetórias e influências familiares diversas, responsáveis pelas diferenças e singularidades de cada docente.

## Referências

ANDRELLO, Geraldo. Introdução – Por que rotas de criação e transformação? In: ANDRELLO, Geraldo (Org.). **Rotas de criação e transformação: narrativas de origem dos povos indígenas do rio negro**. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: Isa/FOIRN, 2012.

BOLÍVAR, Antonio. De nobis ipsis silemus: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n.1, 2002.

BOLÍVAR, Antonio. Las historias de vida del profesorado: voces y contextos. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, n. 62, p. 711-734, jul./sep. 2014.

CANDAU, Vera Maria Ferrão Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, v. 37, n. 1, p. 33–41, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1981-2582.2014.1.15003>>. Acesso em: 03 abr. 2021

EUGENIO, Benedito; TRINDADE, Lucas Bonina. A entrevista narrativa e suas contribuições para a pesquisa em educação. **Pedagogia em Foco**, v. 12, n. 7, p. 117-132, jan./jun. 2017.

FORTES DE OLIVEIRA, Valeska; MIORANDO, Tania Micheline. Encontros potentes produzidos pela investigação com histórias de vida. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, 5, n. 13, p. 345-359, 28 jun. 2020. em: Acesso em 27 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Ana Luíza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin Weiz. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin Weiz; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20 – 28, jan./abr., 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogo, para quê?** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LORENZO, Eder Wagner Candido Maia **A utilização das redes sociais na Educação: importância, recursos, aplicabilidade e dificuldades**. Rio de Janeiro: Editora Clube de Autores, 2013.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, 2009.

RIBEIRO, Marinalva Lopes et al. Por quais motivações estudantes escolhem a carreira profissional? **Revista de Educação da PUC-Campinas**, v. 23, n. 2, p. 155-173, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5720/572064154001/572064154001.pdf>> Acesso em: 02. 04.2022.

SILVA, I. M. Tecnologias e letramento digital: navegando rumo aos desafios. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 13, n. 1, p. 27-43, 30 ago. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1164>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Inês Assunção Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

TEIXEIRA, Inês Assunção Castro. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

**Obs.** Agradecemos o apoio da Capes pela bolsa concedida para a realização do Mestrado da primeira autora e à Fapemig, pelo apoio ao pós-doutorado da segunda autora, no projeto de fomento à internacionalização nas ICTMGs (Edital 09/2023), no qual a UEMG foi contemplada.

*Recebido: agosto/2025.  
Aceito em: outubro/2025.  
Publicado: novembro/2025.*